

### 3. Friedrich Nietzsche e a História

Friedrich Wilhelm Nietzsche nasceu em Röken na Prússia, em 1844. Aos cinco anos ficou órfão do pai e foi criado na cidade de Naumburg (Alemanha) pela mãe, a irmã, duas tias e a avó. Filho e neto de pastores teve uma educação protestante. Herdou do pai uma doença que na época não possuía diagnóstico e nem tratamento. Por volta dos 30 anos começou a sofrer problemas de saúde e conviveu com eles até o fim da sua vida.

Em 1858, contando então com catorze anos, Nietzsche vai estudar na conhecida *escola de Pforta*, local em que também estudaram Johann Gottlieb Fichte e Leopold von Ranke. Nessa escola ele recebe uma educação rigorosa e disciplinada e se torna fluente em grego e latim.

Aos vinte anos, Nietzsche entra na *Universidade de Bonn*, com a intenção de estudar teologia e filologia entretanto, após a leitura do livro *A vida de Jesus* de David Strauss, desiste da teologia e passa a se dedicar somente ao estudo da filologia clássica. As dúvidas do jovem Nietzsche com relação à religião já existiam desde antes desse período. O falecimento do pai, a infância solitária e posteriormente a sua doença, contribuíram para que ele passasse a questionar a sua fé. No entanto, apesar do abandono do curso de teologia aos 20 anos, o tema do cristianismo continua nas suas reflexões por toda a sua vida.

Por volta de 1865, Nietzsche entra em contato em um sebo com o livro *O Mundo como Vontade e Representação* de Schopenhauer,<sup>1</sup> obra de grande importância para a formulação das suas ideias.

Nietzsche não publica muitos trabalhos de filologia e acaba naturalmente seguindo o caminho da filosofia. Com a indicação do filólogo Friedrich Ritschl, em 1869, assume a cátedra de filologia clássica na Universidade da Basileia, local onde conhece o historiador Jacob Burckhardt.

É nesse período que o filósofo começa a sua amizade com o compositor Richard Wagner. No dia 17 de maio de 1869, Nietzsche que já havia conhecido

---

<sup>1</sup>SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. Tradução M.F. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

Wagner em um jantar na casa de Brockhauss, vai pela primeira vez a casa de campo do músico em Tribtschen e se encanta tanto com Wagner como com CosimaLizst, sua esposa. Durante a sua vida Nietzsche teve algumas paixões não correspondidas, uma delas foi por Cosima e a outra por uma jovem russa chamada Lou Andreas Salomé.

Ao longo de sua vida Nietzsche rompe a sua amizade com Wagner e se distancia da filosofia de Schopenhauer. No entanto, no período em que escreve o *Nascimento da Tragédia*<sup>2</sup> ainda se encontra inspirado pelas ideias de ambos.

### 3.1

#### **Da II Intempestiva: sobre a utilidade e os inconvenientes da história para a vida**

Após a publicação de *O nascimento da tragédia* (1872), Nietzsche produz uma série de quatro artigos, entre 1873 e 1876, que ficaram conhecidos como *Unzeitgemässe Betrachtungen (Considerações Intempestivas ou Considerações Extemporâneas)*, cujos títulos são: 1º *David Strauss, O devoto e o escritor*; 2º *Da utilidade e dos inconvenientes da história para a vida* (1874); 3º *Schopenhauer, educador* (1874) e 4º *Richard Wagner em Bayreuth* (1876). Segundo Hélio Sochodolak as quatro intempestivas:

(...) constituem-se no geral uma crítica ao Estado prussiano, suas crenças, seu sistema educacional, seu excesso de história, na intenção de “fabricar” uma nação, a nação alemã. Para Nietzsche o Estado estava sacrificando a cultura como um todo.<sup>3</sup>

O objeto de estudo desse segundo capítulo, será a *II Intempestiva de Nietzsche*. O título pensado inicialmente, pelo filósofo, para esse texto foi “A Doença Histórica”, mas ele foi efetivamente publicado com o título de “*Sobre a utilidade e os inconvenientes da história para a vida (Vom Nutzen und Nachteil der Historie für das Leben)*.”<sup>4</sup>

<sup>2</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia da Letras, 2007.

<sup>3</sup> SOCHODOLAK, Hélio. *O Jovem Nietzsche e a História – Como ser intempestivo e duelar com o seu tempo*. São Paulo: Annablume, 2009, p.91.

<sup>4</sup> NIETZSCHE, Friedrich. “II Consideração Intempestiva sobre a utilidade e os inconvenientes da História para a vida.” In: *Escritos sobre História*. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2005, p. 13.

A recepção da segunda intempestiva pelos círculos intelectuais da época foi pequena, mas seu caráter polêmico gerou algumas reações por parte dos filósofos hegelianos da história e dos historiadores ligados à universidade de Berlim, como por exemplo, Heinrich Von Treitschke que declarou, após ter atendido ao pedido de Overbeck para que lesse o texto de Nietzsche, lamentar a “mania de grandeza” do mesmo.<sup>5</sup>

Em 1874, após ter finalizado a *II Intempestiva*, Nietzsche remete o texto a Burckhardt, dizendo-lhe que havia se inspirado em algumas das suas ideias para a produção das suas considerações sobre a história.

Jacob Burckhardt, colega de trabalho de Nietzsche neste período, não emite nenhuma opinião pública, respondendo somente por correspondência ao filósofo. Educado, o historiador não critica o texto, mas também não é totalmente favorável ao mesmo. Burckhardt escreve na sua carta de resposta, não se considerar apto a teorizar sobre as considerações que Nietzsche faz sobre a história e diz que, para além das especulações filosóficas sobre a disciplina, sua tarefa era atuar como professor, levando a cultura da velha Europa para as pessoas.<sup>6</sup>

Em 1879, Nietzsche abandona definitivamente a universidade e se aposenta com um pequeno salário. O filósofo passa a viver como um peregrino de cidade em cidade, em busca de alívio para os seus problemas de saúde, que ofaziam ter fortes dores de cabeça, alterações de humor e problemas estomacais. Nesse período afasta-se dos seus amigos mais íntimos e se torna ainda mais sozinho, dedicando-se apenas à sua obra.

No entanto, apesar da distância, Nietzsche permanece enviando seus novos escritos para Burckhardt a espera de uma opinião do ex-colega de trabalho. Entretanto, isso não ocorre. Com o decorrer do tempo, as respostas de Burckhardt vão se tornando amigáveis, porém distantes. Mesmo após a crise que leva Nietzsche a loucura, o filósofo continua escrevendo para o historiador, uma de

---

<sup>5</sup>SOCHODOLAK, H. *O Jovem Nietzsche e a História*, op. cit., p. 76.

<sup>6</sup>Carta de 25 de fevereiro de 1874 a Friedrich Nietzsche, in BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 296-297.

suas últimas cartas escrita em 1889, em Turim, tem como destinatário Burckhardt.<sup>7</sup>

Em *Ecce homo*: como alguém se torna o que é (1888), a “autobiografia” de Nietzsche, escrita, aos 44 anos, algumas semanas antes do filósofo perder totalmente a razão, Nietzsche define a *II Intempestiva* da seguinte maneira:

A *segunda* extemporânea (1784) traz à luz o que há de perigoso, de corrosivo e contaminador da vida em nossa maneira de fazer ciência: a vida *enferma* desse desumanizado engenho e maquinismo da “impessoalidade” do trabalhador, da falsa economia da “divisão de trabalho”. A *finalidade* se perde, a cultura – o meio, o moderno cultivo da ciência, *barbariza*... Neste ensaio, o “sentido histórico” de que tanto se orgulha este século foi pela primeira vez reconhecido como doença, como típico sinal de declínio.<sup>8</sup>

Na *II intempestiva* Nietzsche busca avaliar a história pelo critério da vida. No início do texto a sua intenção já fica exposta, o filósofo começa lançando a pergunta, o que é mais importante para o homem o conhecimento ou a ação? Para em seguida questionar, qual seria a utilidade da história para a vida? Como resposta ele escreve:

Temos necessidade dela para viver e para agir, não para nos afastarmos comodamente da vida e da ação e ainda menos para enfeitar uma vida egoísta e as ações desprezíveis e funestas. Não queremos servir à história senão na medida em que ela sirva à vida.<sup>9</sup>

Além disso, a *II Intempestiva* é um julgamento contra aquilo que Nietzsche denomina de “doença histórica”, o excesso de história que o século XIX se orgulha de possuir. O filósofo critica o historicismo de uma forma geral, mas discorda, sobretudo da filosofia da história hegeliana e das visões científicas da história. Diz ele:

(...) esta consideração é intempestiva, porque procuro compreender como sendo um mal, um defeito, uma carência, algo que a época atual se orgulha a justo título, a saber, a sua cultura história, porque acho inclusive que estamos todos

<sup>7</sup> Para maiores detalhes sobre essa carta, consultar: LARGE, Duncan. 'Nosso Maior Mestre': Nietzsche, Burckhardt e o conceito de cultura. *Cadernos Nietzsche*. São Paulo, n. 9. p. 3-39. Departamento de Filosofia da USP, 2000.

<sup>8</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce homo*: como alguém se torna o que é Trad. Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 64. [grifo do autor]

<sup>9</sup> NIETZSCHE, F. *II Consideração Intempestiva*. op. cit., p. 68.

corroídos por uma febre historicista e porque deveríamos, pelo menos, ter consciência disso.<sup>10</sup>

Nietzsche postula a necessidade da lembrança, mas, sobretudo do esquecimento na lida com a história. A felicidade para o filósofo reside, na “faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo em que dura, fora de qualquer perspectiva histórica”.<sup>11</sup>

### 3.2 Nietzsche e a cultura alemã do século XIX

Em 1870, a Alemanha entra em guerra com a França, nesse período Nietzsche participa do conflito como enfermeiro, mas por um curto espaço de tempo, pois logo começa a sofrer com a doença que o acompanharia pelo resto da sua vida. As experiências da guerra, o contato com os feridos e a percepção da fragilidade da vida marcaram profundamente Nietzsche. Quando jovem ele adorava Bismarck e nutria um forte sentimento patriótico pela Alemanha. Entretanto, ao final da guerra, em 1871, a sua opinião já se modificara. Segundo José Carlos Reis:

Para ele, a mais irritante consequência da guerra era a ilusão de uma “cultura alemã vitoriosa”. O que essa vitória provava? Apenas que a Alemanha possuía um exército superior, e não que ela fosse uma nação superior. Uma nação superior tem mais que uma “cultura superior”. Uma “cultura viva” não se improvisa do dia para a noite, constitui um “estilo de vida”, que marca todas as manifestações de um povo – modo de vestir, móveis, comportamento, expressões, costumes, gostos, formas de sociabilidade.<sup>12</sup>

O filósofo queria que a Alemanha se tornasse uma nação unificada na sua interioridade e não um estado mantido somente por forças externas. Na sua visão, a vitória na guerra não corresponderia a uma superioridade cultural alemã. Conforme ele escreve em *Ecce homo* “Não há pior mal-entendido, dizia eu, do

---

<sup>10</sup>Ibid., p. 69.

<sup>11</sup> Ibid., p. 72.

<sup>12</sup> REIS, José Carlos. *História da “consciência histórica” ocidental contemporânea: Hegel, Nietzsche, Ricouer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 137.

que acreditar que o grande êxito alemão nas armas demonstre algo em favor dessa cultura.”<sup>13</sup>

Nietzsche preferia “o pessimismo de Schopenhauer a esse otimismo inconsistente da cultura histórica bismarckiana-hegeliana.”<sup>14</sup> Para ele, a vitória contra a França, ao invés de demonstrar a superioridade alemã, serviu para revelar que a cultura moderna encontrava-se doente e que era urgente fundar uma nova cultura alemã.

Nietzsche acreditava que a cultura alemã do XIX teria perdido o seu espaço para o estado. O filósofo criticava a superficialidade da cultura alemã do século XIX, desenvolvida de forma frágil e defendia, em contrapartida, a formação de uma cultura mais autêntica e criativa que não se prendesse tanto às amarras da ciência e da história.

Segundo Nietzsche, os historiadores do século XIX desejavam classificar como ciência o conhecimento sobre o passado. Contudo, na sua visão, a busca pela veracidade dos fatos, e por narrá-los de forma fiel, era uma ilusão. Na sua avaliação, a neutralidade não seria possível. A ciência, para Nietzsche, não é determinada por leis, por certezas, mas sim por interpretações. Segundo Néli Correia, para Nietzsche:

O trabalho de apropriação e de resgate dos grandes homens e dos grandes acontecimentos do passado oferece ao historiador a oportunidade de criar uma obra de arte, isto é, a possibilidade de transfigurar a história e apresentar um valor: ligar pelo pensamento coisas que estão separadas, relacionar um evento particular a uma totalidade, atribuir à história uma unidade que não existe – aqui encontramos um outro modo de aceção do termo objetividade, que não pretende mais descrever a verdade empírica dos fatos, mas cumulá-los de sentido e valor.<sup>15</sup>

Para o filósofo, a crença da modernidade em torno da ciência levaria o homem a se tornar impossibilitado de sentir. Da mesma forma, a confiança na objetividade do conhecimento histórico deixaria o homem paralisado, incapaz de agir. Como solução para esses problemas, Nietzsche postulava o emprego de um olhar artístico e de uma capacidade criadora, como procedimentos para o estudo do passado.

---

<sup>13</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce homo*, op. cit., p. 64.

<sup>14</sup> *Ibid.*

<sup>15</sup> NIETZSCHE, Friedrich. “II Consideração Intempestiva sobre a utilidade e os inconvenientes da História para a vida.” In: *Escritos sobre História*. Trad. Néli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2005, p. 5.

### 3.3 Os três tipos de história

No tocante à época moderna, Nietzsche identifica que a cultura histórica seria responsável por alguns malefícios ao homem como a discrepância entre interioridade e exterioridade, a pretensão à justiça, a perturbação dos instintos, o envelhecimento da humanidade e o ser irônico consigo mesmo. Entretanto, a despeito de todas as críticas que Nietzsche dirige à História, vale ressaltar que ele a considera necessária para a vida. É a história como doença, em excesso, que é o alvo da crítica do filósofo. Segundo Nietzsche, a vida tem necessidade do serviço da história e esta interessa aos seres vivos por três razões:

porque eles agem e perseguem um fim, porque eles conservam e veneram o que foi, porque eles sofrem e têm necessidade de libertação. A essas três relações correspondem três formas de história, na medida em que é permitido distinguir aí uma história monumental, uma história tradicionalista e uma história crítica.<sup>16</sup>

A História monumental só considera como acontecimentos históricos dignos de serem lembrados eventos grandiosos do passado. Sua narrativa pauta-se na exemplaridade e o passado é visto como modelo. Esse tipo de História “interessa sobretudo ao homem ativo e poderoso que trava um grande combate e tem necessidade de modelos, de mestres, de consoladores que ele não consegue encontrar à sua volta e no presente.”<sup>17</sup> É saudável na medida em que induz o homem a acreditar que a grandeza do passado será possível novamente, impulsionando-o desta forma para a ação, para criação. Contudo, tem seus aspectos nocivos, na medida em que exclui da sua narrativa segmentos do passado e que ao invés de impulsionar o homem para a ação, tem o poder de paralisá-lo. Uma vez que é possível que o ser humano passe a considerar o passado tão grandioso, que o verá como único modelo, desprezando assim toda a criação do presente.

Esse homem nostálgico que busca no passado o seu objeto de adoração é o que acredita na História tradicionalista. O passado, na sua visão, deve ser respeitado e o seu prazer se encontra nas origens. Para o homem tradicionalista, a vida está a serviço da História. Esse homem sabe conservar o passado, mas não

---

<sup>16</sup>Ibid., p. 82.

<sup>17</sup>Ibid., p. 94.

consegue criar através dele, desprezando a vida em transformação. Para Nietzsche:

Aqui, surge imediatamente um perigo: tudo o que é antigo e passado, enquanto permanece no campo de visão acaba por ser recoberto por um véu uniforme de veneração, ao passo que aquilo que não dá testemunho de respeito para com estes vestígios, quer dizer, tudo aquilo que é novo e em vias de nascer, se encontra aí rejeitado e atacado.<sup>18</sup>

A História crítica busca julgar o passado, interrogando-o e por vezes condenando-o, a partir do nosso critério de justiça. É útil na medida em que permite livrar-se do peso da história. Porém, quando em excesso, essa abordagem traz muitos perigos para a vida, pois, condenando a história, o crítico renega a sua própria natureza, perdendo o seu contato com o passado. Sobre isso, escreve Nietzsche:

É então que se examina o passado do ponto vista crítico e se ataca com o machado as suas raízes, se abstendo cruelmente, além disso, de todas as clemências. Este processo é sempre perigoso, perigoso para a própria vida: e os homens ou as épocas que servem à vida julgando e destruindo o passado são sempre homens e épocas perigosos e ameaçadores. Já que somos efetivamente o fruto das gerações anteriores, somos também o fruto dos seus desregramentos, das suas paixões, dos seus erros, ou seja, dos seus crimes: não é possível excluir-se completamente desta cadeia. Podemos condenar estes desregramentos e acreditar que estamos livres deles, mas isto não impede que sejamos os seus herdeiros. Na melhor das hipóteses, chegaremos então a provocar um conflito entre a nossa natureza íntima, hereditária, e o nosso conhecimento, e também, sem dúvida, haverá uma luta entre uma disciplina nova e rigorosa e os valores legados e inculcados por uma educação tradicional.<sup>19</sup>

Esses três tipos de história devem ser dosados de forma apropriada para fortalecer a vida. Sendo assim, aquele que quer criar grandes coisas deve se apropriar do passado para impulsionar as suas obras, aquele que se satisfaz com a rotina do hábito e venera as coisas antigas usa a história de forma racionalista e aquele que precisa livrar-se do peso do passado sente a necessidade de uma história crítica.

Para Nietzsche, a troca imprudente destes papéis pode acarretar muitos problemas “o espírito que critica sem necessidade, aquele que conserva sem

---

<sup>18</sup> Ibid.

<sup>19</sup> Ibid., p. 97.

piedade e aquele que conhece a grandeza sem ser capaz de realizar grandes coisas(...).<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup>Ibid., p. 90.